

International Multidisciplinary
Research Journal

Golden Research
Thoughts

Chief Editor
Dr.Tukaram Narayan Shinde

Publisher
Mrs.Laxmi Ashok Yakkaldevi

Associate Editor
Dr.Rajani Dalvi

Honorary
Mr.Ashok Yakkaldevi

Golden Research Thoughts Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial board. Readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

International Advisory Board

Kamani Perera
Regional Center For Strategic Studies, Sri Lanka

Mohammad Hailat
Dept. of Mathematical Sciences,
University of South Carolina Aiken

Hasan Baktir
English Language and Literature
Department, Kayseri

Janaki Sinnasamy
Librarian, University of Malaya

Abdullah Sabbagh
Engineering Studies, Sydney

Ghayoor Abbas Chotana
Dept of Chemistry, Lahore University of
Management Sciences[PK]

Romona Mihaila
Spiru Haret University, Romania

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Anna Maria Constantinovici
AL. I. Cuza University, Romania

Delia Serbescu
Spiru Haret University, Bucharest,
Romania

Loredana Bosca
Spiru Haret University, Romania

Ilie Pinteau,
Spiru Haret University, Romania

Anurag Misra
DBS College, Kanpur

Fabricio Moraes de Almeida
Federal University of Rondonia, Brazil

Xiaohua Yang
PhD, USA

Titus PopPhD, Partium Christian
University, Oradea, Romania

George - Calin SERITAN
Faculty of Philosophy and Socio-Political
Sciences Al. I. Cuza University, Iasi

.....More

Editorial Board

Pratap Vyamktrao Naikwade
ASP College Devrukh, Ratnagiri, MS India Ex - VC. Solapur University, Solapur

Iresh Swami
Ex. VC. Solapur University, Solapur

Rajendra Shendge
Director, B.C.U.D. Solapur University,
Solapur

R. R. Patil
Head Geology Department Solapur
University, Solapur

N.S. Dhaygude
Ex. Prin. Dayanand College, Solapur

R. R. Yaliker
Director Management Institute, Solapur

Rama Bhosale
Prin. and Jt. Director Higher Education,
Panvel

Narendra Kadu
Jt. Director Higher Education, Pune
K. M. Bhandarkar
Praful Patel College of Education, Gondia

Umesh Rajderkar
Head Humanities & Social Science
YCMOU, Nashik

Salve R. N.
Department of Sociology, Shivaji
University, Kolhapur

Sonal Singh
Vikram University, Ujjain

S. R. Pandya
Head Education Dept. Mumbai University,
Mumbai

Govind P. Shinde
Bharati Vidyapeeth School of Distance
Education Center, Navi Mumbai

G. P. Patankar
S. D. M. Degree College, Honavar, Karnataka
Alka Darshan Shrivastava
Shaskiya Snatkottar Mahavidyalaya, Dhar

Chakane Sanjay Dnyaneshwar
Arts, Science & Commerce College,
Indapur, Pune

Maj. S. Bakhtiar Choudhary
Director, Hyderabad AP India.

Rahul Shriram Sudke
Devi Ahilya Vishwavidyalaya, Indore

Awadhesh Kumar Shirotriya
Secretary, Play India Play, Meerut (U.P.)

S. Parvathi Devi
Ph.D.-University of Allahabad

S.KANNAN
Annamalai University, TN

Sonal Singh,
Vikram University, Ujjain

Satish Kumar Kalhotra
Maulana Azad National Urdu University



CUSTOS DE PRODUÇÃO E RETORNO DA CULTURA DO CAFÉ CONILON PLANTADO POR MEIO DE CLONE: Um estudo de caso no município de Rolim de Moura.



Gabriela Inês Deina¹, Cleberson Eller Loose², Geraldo da Silva Correia³, Valdinei Leones de Souza⁴ and Eliseu Adilson Sandri⁵

¹ Graduada em Administração e Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

² Professor e pesquisador da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, lotado no departamento de Ciências Contábeis do Câmpus Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal – RO.

³ Professor e pesquisador da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, lotado no departamento de Ciências Contábeis do Câmpus Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal – RO.

⁴ Professor e pesquisador da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, lotado no departamento de Administração do Câmpus Professor Francisco Gonçalves Quiles em Cacoal – RO.

⁵ Professor e pesquisador da Universidade Federal de Roraima – UFRR, lotado no Instituto Insikiran, curso de Gestão da Saúde Coletiva Indígena.

RESUMO:

O Brasil é o maior produtor mundial de café e o estado de Rondônia é o 2º maior produtor de café da qualidade Conilon do país. A produção se concentra em pequenas unidades, caracterizando-se como agricultura de base familiar, propiciando o desenvolvimento social e econômico com a participação na geração de empregos diretos e indiretos, aumento de renda, qualidade de vida e ainda a fixação do trabalhador no campo bem como a melhoria da economia para o Estado. A presente pesquisa teve por objetivo verificar o retorno proporcionado pela produção de café do tipo Conilon na técnica clonal. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, estudo de caso utilizando-se da técnica de coleta de dados por meio de entrevista com o produtor rural. O resultado deste trabalho aponta que a taxa de retorno de 17,91% a.m. é excelente quando comparadas com outras atividades e investimentos e que o payback encontrado na pesquisa de 06 meses é inferior ao das demais atividades, o que reforça a viabilidade econômica da atividade cafeicultura pelo método clonal.

Palavras chave: Café Conilon. Custos. Retorno Econômico.

1. INTRODUÇÃO

O cultivo de café no Brasil teve início no ano de 1727 e por volta de 1830 o país já era considerado o maior produtor, respondendo por cerca de 70% da produção mundial. Devido às condições climáticas e de possuir solo favorável, a planta se adaptou rapidamente, proporcionando ao país a posição de maior produtor mundial, mantendo-se neste patamar até os dias de hoje, sendo considerado o maior produtor de café do mundo (PAULA, 2013).

Em 2015 o Brasil exportou 35 milhões de sacas, gerando uma receita de US\$ 5,3 bilhões. A bebida foi consumida por 127 países no último ano, sendo que o maior consumidor do café brasileiro é a Alemanha e o país que mais importou foi os Estados Unidos, um total de sete milhões de sacas. A expectativa é de que no ciclo que compreende entre julho de 2016 a julho de 2017 o Brasil supere sua produção e produza acima de 53 milhões de sacas. Na safra anterior atingiu 49 milhões de sacas (CECAFE, 2016).

A importância da produção de café para a economia mundial é indiscutível, considerado uma dos mais valiosos produtos do setor primário comercializados no mundo, perde apenas em valores para o petróleo. O seu cultivo, processamento, comercialização toda logística de transporte e distribuição proporcionam ao Brasil a geração de milhões de empregos, aumentando assim a receita do país e da agricultura familiar, que é predominante no cultivo da planta (ESBRASIL, 2015).

No setor agropecuário mundial, brasileiro e também do estado de Rondônia, a atividade de cafeicultura é uma das mais importantes, pois promove o desenvolvimento social e econômico com a participação na geração de empregos diretos e indiretos, aumento de renda e qualidade de vida e ainda a fixação do trabalhador no campo (TOMAZ, et al. 2011).

Rondônia é hoje o quinto maior produtor de café do Brasil e o segundo da espécie canephora, também conhecido como conilon, seu cultivo é predominantemente por meio da agricultura de base familiar, sendo considerada uma das principais atividades agrícolas do estado, além da importância socio econômica que propicia a geração de emprego e renda a mais de 22 mil famílias no estado (EMATER, 2016; ABIC, 2016).

Assim, o estado busca por meio de suas secretarias a melhoria da qualidade de produção do café, incentivando os agricultores da região, por meio de projetos, parcerias com órgãos governamentais na disseminação de conhecimento e assistência de forma a proporcionar ao produtor melhor conhecimento a cerca de técnicas como poda, adubação, plantio, além de melhorias genéticas, que buscam cada vez mais a redução e controle de pragas, buscando uma planta mais resistente e mais produtiva e melhoria da renda no campo.

Em decorrência dessa necessidade pela busca de melhoria de qualidade com vistas a alcançar maior produtividade dos cafeeiros de Rondônia, a pesquisa teve como objetivos verificar o retorno proporcionado pela cultura de café da qualidade conilon, por meio da técnica clonal.

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa de campo e estudo de caso em uma propriedade localizada no município de Rolim de Moura RO e por meio da entrevista foi possível identificar os custos da atividade e o retorno do investimento.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo será realizada uma revisão de literatura a qual dará suporte e fundamentação ao estudo proposto. Visa transcrever conceitos sobre produção e produtividade de café no Brasil e no estado de Rondônia, agricultura familiar, contabilidade rural, classificação dos custos e o retorno proporcionado pela cultura de café por meio da técnica clonal.

2.1 HISTÓRIA DO CAFÉ NO MUNDO

Não há evidência legítima sobre a descoberta do café, muitas são as lendas em torno de sua origem, no entanto, uma das mais aceitas e difundidas é que a planta é originária do continente africano, mais precisamente da região da Etiópia. Segundo a lenda, o pastor Kaldi, que viveu na Abissínia, hoje Etiópia, a cerca de mil anos, ao observar suas cabras percebeu que uma delas mudou seu comportamento após ingerir os frutos da planta, ficando alegres e saltitantes quando ingeriam a planta e com energia extra, o que possibilitaria a caminhada das cabras por longos quilômetros após a ingestão dos frutos (ICO, 2016).

Kaldi então comentou com um monge da região sobre o fato ocorrido com as cabras, da descoberta dos efeitos provocados pelo consumo da planta o que causou interesse do monge, que decidiu experimentar da planta na forma de infusão e percebeu que a bebida o ajudava a resistir ao sono enquanto orava por longas horas. A descoberta se espalhou rapidamente entre os mosteiros, criando uma demanda pela bebida (ICO, 2016).

A Arábia foi a responsável pela propagação da cultura do café. O nome café não é originário da Kafta,

local de origem da planta, e sim da palavra árabe Qahwa, que significa vinho, o café era conhecido como "vinho da Arábia" quando chegou à Europa no século XIV. A Arábia tinha completo controle sobre o cultivo e preparação da bebida, os estrangeiros eram proibidos de chegar perto das plantações e protegia com a própria vida, o café era um produto guardado a sete chaves (DELTA, 2016).

A partir de 1615 o café começa a ser saboreado no continente Europeu, trazido por viajantes, o que despertou o interesse desesperador em cultivar a planta nas colônias francesas, Italianas e Alemãs, mas foram os Holandeses que conseguiram as primeiras mudas e cultivaram no jardim Botânico de Amsterdã, o que tornou a bebida uma das mais consumidas no continente. A partir de 1699, os Holandeses iniciaram o plantio experimental no qual obteve sucesso e lucro, encorajando outros países a tentar o mesmo. Através dos colonizadores europeus, o café chegou ao Suriname, São Domingos, Cuba, Porto Rico e pelas Guianas, e por meio desta chega ao norte do Brasil através da Guiana Francesa no ano de 1727, espalhando definitivamente o segredo dos Árabes por todo o mundo (CENTRO DO COMÉRCIO DE CAFÉ DE VITÓRIA, 2016).

2.1.2 O café no Brasil

No ano de 1727, o café chega ao Brasil, na cidade de Belém, trazido pelo Sargento-Mor Francisco de Mello Palheta, que trouxe a muda de café, da qualidade Arábica, escondido na bagagem, atendendo ao pedido do então governador do Maranhão e Grão Pará, neste mesmo ano o café já apresentava grande valor comercial, o que despertava interesse de muitas pessoas (RAIZ, 2016).

Devido às condições climáticas do país, o café se adapta facilmente, espalhando sua produção pelos estados do Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais e em pouco tempo o café deixa de ser uma produção relativamente secundária e passa a ser considerado um produto-base da economia brasileira, desenvolvendo-se apenas com recursos nacionais, sendo a primeira realização exclusivamente brasileira que tendeu a produção de riquezas. Em 1825 inicia-se um novo ciclo econômico, pois o Haiti, principal exportador naquela época, entra em crise devido à guerra da independência com a França, o que fez com que o Brasil produzisse ainda mais passando a exportar o produto com maior regularidade (ABIC, 2016).

O cultivo do café pelo Brasil promoveu a expansão da economia, através do surgimento de cidades e diversificação de importantes centros urbanos por todo o interior do Estado de São Paulo, sul de Minas Gerais e norte do Paraná, assim como a construção de ferrovias para o escoamento da produção, o café trouxe consigo a imigração consolidando a expansão da classe média, que demonstrava a riqueza produzida pelo café pelas elegantes mansões dos proprietários produtores de café, chamados de barões do café (ABIC, 2016).

Após algumas décadas, por volta de 1870 a cafeicultura foi abalada por uma forte geada que atingiu as plantações do oeste paulista provocando enormes prejuízos. No ano de 1929 outra forte crise, esta, causada pela quebra na bolsa de valores de Nova York, que abalou a estabilidade da economia cafeeira, o que levou a queda drástica no preço do café. Havia milhões de sacas de café estocadas que acabaram sendo compradas pelo governo e depois queimadas para regular a oferta do produto no mercado, a crise durou um longo período o que causou instabilidade por parte dos produtores e do mercado (MARTINS, 2012).

No ano de 1952, um novo ciclo se inicia na agricultura, momento este em que foi criado o Instituto Brasileiro do Café – IBC, com finalidade de contribuir para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre o café, fortalecendo e encorajando os produtores e ainda propiciando o financiamento à produção cafeeira, com intenção de novamente aquecer a economia e recuperar a confiança dos produtores. Com a extinção do IBC em 1990 as instituições que trabalhavam com o café, se organizaram para que estudos na busca pela maximização de resultados continuassem a ocorrer (EMBRAPA, 2016).

Assim, em 1996 criou-se o Conselho Deliberativo de Política do Café - CDPC, vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Mapa e em 1997 foi criado o Consórcio Brasileiro do Café, com objetivo de planejar e executar as pesquisas, no qual obteve apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA; Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola - EBDA; Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG; Instituto Agrônomo de Campinas – IAC; Instituto Agrônomo do Paraná – IAPAR; Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural – INCAPER; Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA; Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro – PESAGRO - Rio;

Universidade Federal de Lavras – UFLA; e Universidade Federal de Viçosa – UFV (EMBRAPA, 2016).

Com o incentivo do governo e suas parcerias a economia cafeeira volta a aquecer o mercado e o aumento da demanda pelo produto fez com que surja a necessidade em expandir as fronteiras, assim, estados como a Bahia, Rondônia, Goiás e Minas Gerais passam a ser novos campos de plantação de café. (EMBRAPA, 2016).

2.1.3 A importância do café para economia brasileira

A cafeicultura no Brasil desde o início promoveu o desenvolvimento das cidades bem como o crescimento da economia, o produto serviu como mola propulsora da urbanização e industrialização do país. Durante 50 anos nos períodos entre 1900-1950, o Brasil imperou na produção do café num cenário mundial, representava 70% da produção mundial do café, desde então o Brasil esteve sempre muito bem colocado apesar das crises enfrentadas ao longo dos anos (CAFEICULTURA, 2016).

No meio a tantas dificuldades e crises enfrentadas no Brasil e no mundo o café surge como uma nova fonte de riquezas para o Brasil, nos anos 30 o café já se firmou como principal item da exportação brasileira e sua progressão se mantém firme (FURTADO, 2007).

O café é um dos grandes responsáveis pelo crescimento econômico do país, movimentando o comércio interno e externo promovendo o aumento da renda através de empregos diretos e indiretos em diversos estados brasileiros, sendo considerado ainda uma das principais culturas do agronegócio, responsável pela geração de mais de 8 milhões de empregos no Brasil (MAPA, 2011).

Dentre os produtos exportados pelo Brasil, a soja, carne, produto florestal, complexo sucroalcooleiro e o café, que ocupa o 5º lugar, sendo verde, solúvel, torrado e moído, representando 6,9% da participação no agronegócio. O Brasil é o maior produtor e exportador de café do mundo e o 2º maior consumidor em 2015 sua produção alcançou 43.200 milhões de sacas (60 kg a saca), representando 30,13% da participação mundial, em seguida o Vietnã 2º maior produtor, em 2015 apresentou uma produção de 27.500 milhões de sacas representando 19,18% da produção mundial (MAPA, 2015).

Dentre os países que mais importam café do Brasil estão a União Européia, Estados Unidos, Japão e Rússia entre outros com menor vulto de janeiro a agosto de 2015 o Brasil já havia exportado 1.323.919 toneladas do produto, sendo café verde, café solúvel, torrado e moído, outros extratos e cascas e películas (MAPA, 2015).

Segundo a CONAB (2016) A produção brasileira em 2015 chegou a 43.235 milhões de sacas de 60 kg a saca e a previsão para 2016 é de 49.640 milhões de sacas, um aumento em produção de 14,8% a mais que o ano anterior, sendo 41,29 milhões de sacas de café da qualidade arábica e 8,35 milhões de sacas de da qualidade conilon. Vale, ainda, mencionar que, o volume de receita auferida de julho a setembro de 2016 totalizou R\$ 109.741.587,33.

2.1.4 O Café em Rondônia

A ocupação das terras do atual estado de Rondônia teve início no século XVIII, mas a partir do final do século XIX, iniciou-se a ocupação as margens dos rios, a época por Nordestinos, que fugiam da seca em busca de trabalho, que no momento encontravam na extração do látex no então Território Federal de Rondônia. Esse movimento migratório durou até meados de 1920 quando ocorreu o retorno dos imigrantes em função da baixa do preço da borracha no mercado internacional. Após a Segunda Guerra Mundial, em 1942, o acordo entre o governo brasileiro e norte-americano, que promoveu o incentivo a extração do látex, faz a região voltar à ativa e receber novamente imigrantes de diversas regiões do país em busca de trabalho nos seringais, período conhecido como Segundo Ciclo da Borracha (OLIVEIRA, 2004).

A abertura da BR-364, entre 1960 e 1966, rodovia de acesso ao então Território Federal de Rondônia, possibilitou o início do processo de colonização, assim no trecho que hoje compreende a cidade de Vilhena até Porto Velho, desenvolveram-se vilarejos, que haviam inicialmente surgidos com os seringueiros. Paralelo à construção da BR 364, iniciou-se a grilagem das terras da União e de fazendas, causando a morte de muitas pessoas. Tal situação fez com que o Governo Federal tomasse medidas para minimizar os problemas, promovendo por tanto a colonização das terras do Território Federal de Rondônia, e através do INCRA- Instituto

Nacional de Colonização e Reforma Agrária, criado em 1970, deu início a implantação de grandes projetos de colonização. As terras eram distribuídas e demarcadas, mas a condição era ocupar as terras e fixar-se nela produzindo. O lema era “integrar para não entregar” (OLIVEIRA, 2004).

Nos projetos de colonização promovidos pelo INCRA, os migrantes que ali chegavam e ganhavam um pedaço de terra demarcado pelo INCRA, iniciavam o plantio de lavouras perenes, como o café, que desde então promoveu o desenvolvimento regional, através de geração de empregos diretos e indiretos. Durante as décadas de setenta e oitenta, a população Rondoniense aumentou de 111.064 habitantes em 1970 para 491.069 habitantes em 1980 (OLIVEIRA, 2004).

Neste período é que a cafeicultura foi introduzida, através de pequenos e médios agricultores migrantes do Nordeste, Sul e Sudeste brasileiro. Iniciou-se o ciclo econômico agropecuário, resultado dos projetos do INCRA, em diversas regiões do Território Federal de Rondônia, desde então a atividade é a principal fonte econômica de Rondônia. Na agricultura, destaca-se a produção de café, milho, soja, arroz, feijão, cacau entre outros (EMATER, 2009).

Em Rondônia, predomina o cultivo do café do grupo *Canephora* (robusta), cuja variedade conilon é a mais comercializada no mercado Brasileiro e no mundo. Na maioria das regiões do Brasil, tradicionalmente produtoras de café, utilizam-se cultivares de café arábica, porém nas regiões de altas temperaturas e baixas altitudes, como é o caso de Rondônia, Espírito Santo e Bahia, predomina o cultivo do café da variedade conilon. Apesar de o café conilon ser menos valorizado do que o café arábica, ele apresenta algumas vantagens competitivas, tais como o preço reduzido nos mercados e a sua utilização nas indústrias de café solúvel, por meio das misturas (blends) deste com o café arábica, o que diminui o custo final do produto (EMATER, 2009).

Rondônia produziu em média de 1.800 mil sacas de café ao ano entre 2001/2009, sendo que sua produtividade por hectare foi de 7,8 sacas por hectare em 2001 e 10,02 sacas por hectare em 2009. Em 2010 chegou a 15,31 sacas por hectare, 2014 foi de 17,18 sacas por hectare e em 2015 alcançou a maior produtividade por hectare em 14 anos, 19,67 sacas por hectare. A área de produção em 2010 era de 154.783 mil hectares enquanto que em 2015 diminuiu para 86.004 mil hectares em área de produção (CONAB, 2015).

O café conilon apresenta perda de 22,2% na produtividade segundo 3º levantamento da CONAB em setembro de 2016. Os principais estados produtores do café conilon são: Espírito Santo, Rondônia e Bahia, que juntos, somam cerca de 90% da produção total de café conilon, apresentando reduções de 24,5%, 5,6% e 46,4%, respectivamente este é o reflexo das mudanças climáticas ocorridas neste período o que leva a uma safra de menor volume, considerando fatores como área plantada, produção e produtividade. A CONAB ressalta ainda que a queda na produtividade só não foi maior devido produção de novas áreas de café clonal, cuja produtividade é bem superior a produtividade convencional (CONAB, 2016).

Em comparação com os demais estados produtores de café do Brasil, Rondônia utiliza-se de pouca tecnologia, assim a seleção de plantas de maior potencial produtivo e melhor uniformidade de maturação, a melhoria de técnicas, a profissionalização dos cafeicultores de base familiar, a renovação dos cafezais improdutivos e a estruturação técnica e comercial da produção de mudas clonais certificadas são alternativas para aumentar a produtividade sem aumentar de custos adicionais (EMBRAPA, 2015).

O estado de Rondônia busca alcançar novos mercados por meio da produção com qualidade adotando práticas culturais como o emprego de cultivares melhorado, controle fitossanitário, adubação, irrigação, condução de copa, boas práticas de colheita e pós-colheita possibilitam a obtenção de elevadas produtividades, a um custo compatível com a exploração da lavoura (CONAB, 2015). Assim, com a utilização destas tecnologias é possível que o desempenho econômico da atividade seja favorável e atrativo (PONCIANO, 2009).

A substituição das lavouras utilizando-se de cafés clonais tem sido um processo gradativo e constante no estado, em alguns municípios já chega a 30% da área plantada. Isso se deve a uma série de medidas, das quais podem ser evidenciadas como o apoio do governo do estado através da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Regularização Fundiária (Seagri), Serviços de Extensão Rural (Emater-RO), com toda sua equipe técnica abrangendo todas as regiões produtoras de café (CONAB, 2016).

Com intuito de garantir uma melhor posição para Rondônia no ranking de produção nacional, o governo entregou 300 mil mudas de café clonal aos produtores cadastrados na Emater. Das 300 mil mudas distribuídas 45

mil mudas foram para substituição de lavouras em Rolim de Moura e devem assegurar um aumento nas próximas safras (RONDONIAAGORA, 2016).

O café em Rondônia é plantado em sua maioria em pequenas propriedades, ou seja, quase que na sua totalidade é a agricultura de base familiar. Apesar dos esforços para a melhoria na produtividade do café com base em melhoria de técnica dentre outros, o estado ainda apresenta uma baixa produtividade no contexto geral, é comum a existência de lavouras com baixa produtividade pela falta de trato cultural e uso de tecnologias, aliadas a este fato, a maioria das lavouras de café do estado foi implantada inicialmente com sementes trazidas por produtores de outros estados, como o Espírito Santo, sem o devido controle oficial e algumas progênies de café não se adaptaram às condições locais (CONAB, 2016).

A expectativa para 2017 é que o crescimento sofra uma variação positiva entre 13% a 21%, será uma safra record, que consolida o status de 2º maior produtor de café conilon do Brasil e o quinto entre todos os estados produtores de todas as variedades (AGRORONDONIA, 2016).

2.2 AGRICULTURA E AGRONEGÓCIO

Santos, Marion e Segali (2009) tratam do termo agricultura como sendo a arte em cultivar a terra que decorre da ação do homem sobre ela através do processo produtivo, tendo como finalidade a satisfação das necessidades básicas.

O termo agricultura foi usado até recentemente para entender a produção agropecuária em toda sua extensão, mas nas últimas décadas passou por grandes transformações tornando-se mais abrangente. Assim, o termo agricultura passa a ser insuficiente, pois hoje, para que haja produção agropecuária e que esse produto resultante da produção chegue ao consumidor, entra em cena um complexo de atividades sociais, agroindustriais, econômicas, industriais, administrativas, mercadológicas, entre outras, assim a produção agropecuária deixa de ser uma atividade apenas de agrônomos, agricultores e pecuaristas e passa a ser compreendido como o agronegócio (ARAÚJO, 2007).

Com a evolução socioeconômica nos últimos 50 anos, a fisionomia das propriedades rurais mudou totalmente, com a migração do meio rural para o meio urbano a população passa de 20% para 70% das pessoas nas cidades. Assim, cada vez mais um menor número de pessoas precisa sustentar mais gente nas cidades, com isso a agricultura deixou de ser apenas rural ou agrícola ou ainda o chamado setor primário, passando a depender de muitos serviços, maquinários e insumos que vem de fora, além da infraestrutura, incluindo armazéns, agroindústrias, exportação entre outros, passando a ser então definida como agronegócio (ARAÚJO, 2007).

Para Marion (2012), a exploração da capacidade produtiva do solo por meio do cultivo da terra, para a criação de animais e ou para transformação de produtos agrícolas é a definição de empresas rurais. Na visão de Crepaldi (2012), empresa rural é uma unidade em que são desenvolvidas atividades concernentes à cultura agrícola, criação de gado, culturas florestais e deve ter por finalidade a obtenção de receita.

Na atividade rural a classificação dos tipos de cultura é importante para a gestão, assim as duas classificações existentes são a de cultura temporária e cultura permanente. A característica da cultura temporária é o período de tempo curto que são sujeitas ao replantio após a colheita, são exemplos desta cultura produtos como a soja, milho, feijão e batata, também conhecida como cultura anual. Já a Cultura permanente são aquelas que permanecem vinculadas ao solo e proporcionam mais de uma colheita e produção, são exemplo deste tipo de cultura o café, cana-de-açúcar, citricultura, etc. (MARION, 2012; OLIVEIRA, 2010).

2.2.1 Agricultura Familiar

A agricultura representa toda atividade que envolva a exploração da terra, no cultivo por meio da agricultura, criação de animais que contribui para a produção de alimentos que abasteçam a demanda pelo consumo satisfazendo assim as necessidades humanas (CREPALDI, 2006).

Para que a atividade aconteça, um dos agentes desta mudança é entendido como a agricultura de base familiar, ou seja, desempenhada por pequenos proprietários rurais e todo o processo de produção, essencialmente a mão de obra é basicamente realizada pela família, caracterizando esta forma a agricultura

familiar (SARTIN, 2012).

Conforme Tinoco (2006) a agricultura familiar tem como base a mão de obra utilizada, o tamanho da propriedade, e a renda gerada pela atividade. Assim, ao mesmo tempo em que são proprietários também assumem o trabalho.

A Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, em seu artigo 3º, considera como sendo agricultura familiar, aquele que pratica atividades no meio rural, desde que atendam alguns quesitos como, área não pode ser maior de 4 (quatro) módulos fiscais, a mão de obra deve ser predominantemente da própria família, dirija seu negócio junto a família e tenha um percentual mínimo de renda proveniente da atividade rural (Brasil, 2006).

Para Cotrin (2014) a agricultura familiar esta embasada essencialmente na utilização da mão de obra familiar, tendo como principal característica a administração da própria família na atividade, podendo ou não utilizar-se de auxílio de terceiros.

Segundo o Portal Brasil (2014), a agricultura familiar produz cerca de 80% dos alimentos que chegam às mesas das famílias brasileiras e preserva cerca de 80% dos recursos agrícolas do planeta, representa ainda 84% de todas as propriedades rurais do país capaz de empregar cerca de cinco milhões de famílias. Isso se deve aos avanços que promovidos com a consolidação das políticas públicas junto com o fortalecimento do setor, que foram intensificadas nos últimos anos. O pequeno agricultor ocupa papel de destaque junto à cadeia produtiva que abastece o mercado consumidor.

2.3 GESTÃO DE CUSTOS E CONTABILIDADE NA ATIVIDADE RURAL

Com as crescentes mudanças no mundo dos negócios, principalmente a competitividade global, cada dia mais se faz necessário o uso de ferramentas e informações por parte das empresas, demandando a utilização de instrumentos que possibilite a geração de informações relevantes e fidedignas com a realidade para que se possa verificar o verdadeiro desempenho da empresa, podendo assim por meio da gestão de custos, verificar o lucro e a possibilidade de melhoria de qualidade, ajuste de preços, melhores fornecedores com menor preço e melhor qualidade, dentre outros, portanto para a satisfação do cliente de hoje é necessário estar em perfeita sintonia com o mundo em relação a tecnologia, pesquisas, satisfação do cliente, mercado interno e externo, consumo, e todo conhecimento necessários para que seu produto tenha condições de competitividade gerando lucro (CREPALDI, 2012).

A contabilidade de custos surge da necessidade de os gestores em obter informações de cunho econômico e financeiro para melhor gerir o negócio, de forma a dar subsidio a tomada de decisões. É uma ciência que pode ser aplicada em vários ramos de atuação, sendo aplicada de modo geral para toda e qualquer empresa como também para casos específicos, ou seja, certo ramo de atividade, assim pode-se destacar a contabilidade agrícola que é destinada as empresas agrícolas de modo geral e a contabilidade rural, que é aplicada as empresas rurais, tendo enfoque direcionado à atividade e consideram os custos de cultura todos aqueles gastos que são identificáveis a cultura, tanto direta como indiretamente (MARION, 2012).

Nas empresas rurais o sistema de controle utilizado é a contabilidade rural, que demonstra a real situação patrimonial da empresa, considerando diversos aspectos, tais como a análise da estrutura, evolução, solvência, retorno sobre o capital investido, utilização de capital próprio e necessidade de capital de terceiros, lucro e prejuízo, etc. assim, sua finalidade é controlar o patrimônio, para gerar informações necessárias para dar suporte a tomada de decisões futuras (CREPALDI, 2012).

A contabilidade no meio rural ainda é pouco utilizada no Brasil, não somente pelos profissionais bem como pelos produtores rurais, estes, pela falta de conhecimento que tendem a desenvolver técnicas baseadas nas experiências adquiridas passadas de geração a geração, desconsiderando muitas vezes informações eficientes e eficazes (CREPALDI, 2012).

2.4 TERMINOLOGIAS UTILIZADAS PELA CONTABILIDADE CUSTOS

É importante definir no processo de produção classificar corretamente os itens nas devidas contas, diferenciando custos de despesas e assim sucessivamente. Para tanto, a terminologia contábil utilizada é assim organizada: (MARTINS, 2010).

- a) Gasto é o sacrifício financeiro que a empresa realiza para obtenção de um produto, sacrifício este representado pela entrega ou promessa de entrega de ativos.
- b) Desembolso é o pagamento pela aquisição de um bem ou serviço
- c) Investimento é o sacrifício realizado pela aquisição de bens ou serviços, ou um gasto ativado em função da vida útil.
- d) Custos é a soma de bens e serviços produzidos, consumidos ou utilizados na produção de outros bens e serviços, convertidos em unidades monetárias. Na atividade rural, os custos da cultura são todos os gastos possíveis de serem identificados de forma direta ou indireta, os custos diretos são as sementes, adubo, mão de obra direta entre outros e os custos indiretos são depreciação de máquinas e equipamentos, serviços de agrônomos entre outros.
- e) Despesa são gastos necessários para fabricação e venda do produto, gastos estes ligados a área comercial e administrativa.
- f) Perda é todo bem ou serviço que se consumido de forma anormal ou ainda involuntária é reconhecido como perda.

2.4.1 Classificação dos Custos

Os custos são classificados em:

- a) Custos Diretos - são aqueles identificados com precisão a cada produto, como por exemplo mão de obra, quantidade de sementes, mão de obra, insumos, etc.
- b) Custos Indiretos - são aqueles necessários a produção de vários produtos, mas que são alocáveis arbitrariamente através de rateio ou por estimativas, como por exemplo, salários dos técnicos agrícolas, agrônomos, manutenção de máquinas como tratores entre outros.
- c) Custos Variáveis - são aqueles que variam conforme a produção ou área de plantio, são exemplos deste custo a mão de obra direta, materiais diretos que são fertilizantes e sementes e a hora máquina.
- d) Custos Fixos - são os que não se alteram em termos físico e de valor, independem do volume de produção, são exemplos de custos fixos a depreciação de instalações, benfeitorias e máquinas agrícolas etc (SANTOS, MARION E SEGATTI 2009), (NASCIMENTO, 2001) (CREPALDI, 2012).

2.4.2 Métodos de Custeio

A contabilidade de custos requer métodos de custeio para que seja obtido no final do processo o valor a ser atribuído ao método de estudo. Assim, para distribuir os custos às diversas atividades são utilizados os métodos e técnicas de custeios sendo que os mais utilizados são:

- a) Custeio por Absorção – também conhecido como custeio integral, é o método aceito pela legislação brasileira, nele apropriam-se todos os custos diretos e indiretos, fixos e variáveis, assim todos os gastos relativos a produção serão distribuídos para todos os produtos.
- b) Custeio Variável – neste método só se considera como sendo custo do produto aqueles custos variáveis, assim os custos fixos não comporão a formação do custo do produto. Tal método não é aceito pela legislação, podendo ser utilizado apenas para fins gerenciais.
- c) Custeio baseado em atividades (ABC) – este custeio está baseado nas atividades que a empresa efetua no processo de fabricação de seus produtos, procura ainda reduzir as distorções provocadas pelo rateio arbitrário de custos indiretos.

Um sistema de custeio possibilita a compreensão de metodologias de implementação e auxilia o gestor na tomada de decisões, pois compreende em um conjunto de métodos e técnicas utilizados para imputar ao produto, todos os custos relacionados a ele (COELHO, 2011).

Desta forma, a contabilidade de custos é um ramo da contabilidade que contribui com as atividades administrativas, produzindo informações essenciais para a tomada de decisões dos gestores (MARTINS, 2010; FERREIRA, 2010).

2.4.3 Retorno sobre Investimento

O retorno sobre o investimento é um indicador que mostra o quanto o investidor ganhou ou perdeu em relação ao valor aplicado no investimento. Por meio dos cálculos é possível identificar se é viável ou não permanecer com aquele investimento, se é rentável ou não (GITMAN, 2004); (ROSS, WESTERFIELD, JAFFE 2007).

Para se obter o valor do retorno do investimento usa-se a seguinte fórmula: Retorno sobre investimento (ROI) = (Ganho obtido – Investimento) / Investimento

Outro indicador importante na avaliação da atividade é o prazo de retorno do investimento, também conhecido como payback e demonstra qual o período necessário para que o valor investido seja recuperado. É um indicador de atratividade do negócio, que mostra o tempo necessário para que o empresário recupere todo o valor investido (DAMODARAN, 2002).

Para Kassai (2000, p. 11) o payback “é o prazo para recuperação de um investimento em um projeto. O investimento será recuperado quando o lucro gerado pelo projeto igualar o valor do investimento realizado”.

Para realização do cálculo, usa-se a seguinte fórmula:

$$\text{Prazo Retorno Investimento (PRI)} = \text{Investimento Total} / \text{Lucro Líquido} \quad \dots(1)$$

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracterizou-se como exploratória-descritiva, exploratória, pois objetivou proporcionar maior familiaridade com o problema, ora construindo hipóteses sobre ele, ora explicitando-o (PRODANOV, FREITAS, 2013). Descritiva, por descrever as características de certa população ou fenômeno, ou estabelecer relações entre variáveis; demanda técnicas de coleta de dados padronizadas (questionário, observação) (GIL, 2009); (PRODANOV, FREITAS, 2013).

Quanto à natureza da pesquisa, classificou-se como pesquisa aplicada, a qual objetiva gerar um conhecimento que possibilite aplicação na prática, focando na resolução de problemas específicos, envolvendo verdades locais (PRODANOV, FREITAS, 2013).

Do ponto de vista da abordagem, trata-se de pesquisa qualitativa com aspectos quantitativos. A qualitativa considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser traduzida em números, a interpretação dos fenômenos é um processo básico, onde o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo, sendo o trabalho de campo intensivo (PRODANOV, FREITAS, 2013); (MARCONI, LAKATOS, 2008).

Quanto aos procedimentos técnicos ficou caracterizada como pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, constitui-se de livros, artigos científicos, periódicos, revistas, monografias, dissertações, teses, Internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material que existe a cerca do assunto a que trata a pesquisa (PRODANOV, FREITAS, 2013). O autor ressalta ainda a importância da verificação da veracidade das informações dos dados obtidos, onde o pesquisador deve observar possíveis incoerências ou contradições nas diferentes obras apresentadas.

Foi realizado um estudo de caso, que consistiu em um estudo profundo de maneira que se permita o amplo e detalhado conhecimento, proporcionando uma visão do problema, podendo identificar fatores que influenciam a tomada de decisões em relação ao investimento (GIL, 2009).

A presente pesquisa foi aplicada com um produtor rural de uma propriedade familiar que está localizada na Linha 168 Km 09 Lado Sul, no município de Rolim de Moura RO. A propriedade é de 23 hectares, sendo 04 hectares destinados ao plantio de café, o restante da área é utilizada em atividades como piscicultura e bovinocultura de corte. A área que compreende a pesquisa é de 1.6 hectares, devido este ter capacidade plena de produção.

No que se refere às técnicas de coleta de dados, o instrumento utilizado foi o roteiro de entrevista, contendo questões abertas e fechadas direcionadas ao proprietário. Os dados foram agrupados de acordo com o seu grau similaridade, logo após a análise desses dados por meio de ferramentas eletrônicas, tais como, Word e Excel.

Por fim, os resultados foram apresentados por meio de figuras para demonstrar as informações de

modo claro e preciso, objetivando realizar melhores comparações. As discussões foram feitas com o respaldo na literatura existente sobre o tema (PRODANOV, FREITAS, 2013; MARCONI, LAKATOS, 2008).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos por meio da entrevista, bem como a análise e discussão dos mesmos. Para facilitar o entendimento os resultados foram separados em tópicos tais como: local da pesquisa, apresentação dos dados e discussão dos dados.

4.1 LOCAL DA PESQUISA

“A pesquisa foi realizada no município de Rolim de Moura Rondônia, localizado nas coordenadas geográficas: Latitude: 11° 48'13" Sul e a uma Longitude: 61° 48'12" Oeste, com uma área de 1.457,888 km² possuindo uma população de 50.648 habitantes (IBGE, 2010). Foi escolhida uma propriedade como campo da pesquisa, a qual está localizada na linha 168 km 09 lado sul, zona rural deste município.

A propriedade possui 23 hectares dos quais são desenvolvidas atividades como cafeicultura, pecuária de corte e piscicultura, sendo por meio da agricultura familiar. A área objeto de pesquisa compreende 1.6 hectares, onde foram plantados 5.000 pés de café da variedade conilon clonado.

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Para facilitar o entendimento, os dados foram agrupados e dispostos em figuras para melhor demonstrar: os custos de produção, o custo de oportunidade do capital investido na terra e o retorno proporcionado pelo cultivo de café clonal.

Importante salientar que o produtor rural tem de forma organizada as anotações de todos os gastos com a lavoura desde o início do plantio do café, o que facilitou a identificação de cada item de custo e despesa para a contabilização final.

Verificou-se, por meio da entrevista, que a produção de café da variedade conilon pela técnica clonal é feita utilizando-se de tecnologias como: irrigação do tipo gotejamento no período de estagem com objetivo de uniformizar a floração e a produção dos grãos; poda e a desbrota são programadas e adequadas para que se mantenha a perfeita arquitetura do cafeeiro; a utilização de adubos químicos se faz necessária para o desenvolvimento da planta e melhorar a expectativa de produção do cafezal; a utilização de herbicidas é realizada em quantidades menores, pois se utiliza também de mão de obra como capina para reduzir o uso de herbicidas. Existe uma preocupação por parte do produtor em maximizar sua produção de café, isso leva a utilização de todas essas técnicas supramencionadas. Também são utilizadas mudas de café clonal adquiridas em um viveiro credenciado junto ao IDARON-Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia. Tais práticas estão de acordo com o que é recomendado pela EMBRAPA, que acrescenta ainda, o emprego destas tecnologias melhora a produtividade e qualidade do café de Rondônia (EMPBRAPA, 2017).

Na figura 1 são apresentados os custos de implementação da lavoura, do início do plantio até o período em que ocorre a primeira floração do café, período este compreendido entre dezembro de 2014 a dezembro de 2015. A partir da primeira floração, todos os custos incorridos serão imobilizados e o cafezal passa a sofrer depreciação, a qual será incorporada ao custo a cada ano de colheita. A finalização do ano agrícola ocorre pouco após a colheita, independente da comercialização do produto. Essa prática é recomendada por alguns autores como (MARION, 2014; OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2017).

ITEM	R\$
Preparo do Solo	R\$ 1.200,00
Mudas de café + frete	R\$ 3.550,00
Mão Obra Plantio	R\$ 420,00
Aubos	R\$ 9.800,00
Herbicidas	R\$ 2.538,00
Energia Elétrica	R\$ 600,00
Mão de Obra (desbrota, capina, herbicidas)	R\$ 6.000,00
Custo de Oportunidade	R\$ 4.825,00
TOTAL	R\$ 28.933,00

Figura 1 – Custos de Formação da lavoura

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa

A figura 1 apresenta todos os gastos com a formação da lavoura, sendo eles: o preparo do solo para receber as mudas de café, a compra das mudas que devem ser inspecionadas pelo IDARON, a mão de obra gasta com o plantio, os adubos e herbicidas utilizados no trato da cultura, a energia elétrica gasta na irrigação a mão de obra para desbrota, capina e poda e o custo de oportunidade, este, representa o quanto a empresa sacrificou em termos de remuneração por ter aplicado seus recursos numa alternativa e não em outra, assim o custo de oportunidade da terra é a remuneração ao capital fixo investido (MARTINS, 2010).

Para se conhecer o custo de oportunidade da terra levou-se em consideração o preço médio de um hectare na região de Rolim de Moura – RO, sobre o qual foi aplicado o rendimento da poupança que atualmente é de 0,5% ao mês (BCB, 2017).

O valor total gasto para formação da lavoura de café clonal do plantio até a primeira florada foi de R\$ 28.933,00. Valor que será classificado no ativo imobilizado e passará a sofrer a depreciação ao longo da vida útil do cafezal que é de 10 anos, conforme saliente o produtor. A depreciação na atividade rural é a apropriação da perda de eficiência ou da capacidade produtiva de bens tangíveis utilizados em vários ciclos de produção, as culturas permanentes, máquinas e equipamentos, tratores, entre outros conforme apresentado por (MARION, 2014).

Após a primeira floração do café, os custos incorridos na lavoura passam a ser considerados custos com a colheita e que quando finalizada e vendida serão deduzidas, apresentando a receita, ou seja, o lucro da atividade (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2017).

Os custos com a primeira colheita são apresentados pela figura 2, onde são demonstrados os valores gastos para obtenção da colheita, sendo composta por adubo, herbicidas, energia elétrica utilizada na irrigação, mão de obra para o trato cultural (poda, capina, desbrota, etc.), o custo de oportunidade da terra, depreciação da irrigação, depreciação da bomba pulverizadora costal e a depreciação do cafezal, que nesta primeira colheita é referente a 06 meses, sendo de janeiro a julho, período de colheita. Assim, os custos com a primeira colheita totalizaram R\$ 17.600,05, sendo que os gastos com adubos e mão de obra representam 66% do total de despesas.

ITEM	R\$
Adubo	R\$ 6.409,00
Herbicidas	R\$ 901,25
Energia	R\$ 440,00
Mão de obra (poda, capina, desbrota)	R\$ 3.000,00
Mão de obra (colheita e beneficiamento)	R\$ 2.300,00
Custo Oportunidade	R\$ 2.227,20
Depreciação Irrigação	R\$ 850,00
Depreciação Pulverizador Costal	R\$ 26,00
Depreciação Lavoura Café	R\$ 1.446,60
TOTAL	R\$ 17.600,05

Figura 2 – Custos da 1ª Colheita

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa

A primeira colheita ou catação como categorizada pelo produtor, foi de 61,5 sacas de 60 kg cada saca sendo comercializada ao preço de R\$ 350,00 a saca. Ressalta-se que mesmo não estando em plena capacidade produtiva nessa primeira colheita, o valor auferido pela venda do produto foi capaz de absorver os custos incorridos ao longo do ano agrícola, os quais conforme dados da figura 2 totalizaram R\$ 17.600,05. Ao confrontarmos o valor da receita R\$ 24.600,00 com os custos R\$ 17.600,05 obtêm-se um resultado positivo de R\$ 6.999,95. Cabe lembrar ainda, que neste período o cafezal já sofre depreciação assim como os equipamentos utilizados na produção de café, o que aumenta seu custo.

A receita obtida com a venda do café na primeira colheita não é expressiva em produtividade, isso porque a lavoura não atinge a capacidade plena de produção, conforme retrata o proprietário em entrevista. “A primeira colheita na verdade é só uma catação de grãos maduros, os pés ainda não estão em uniformidade de produção, uns produzem mais outros menos, essa colheita me rendeu 61,5 sacas de 60 kg cada, dá um bom resultado financeiro, mas não expressa à produtividade média em hectares de capacidade que este café clonal tem. Já na segunda colheita foi de 320 sacas, ou seja, 215 sacas por hectare, este sim é o rendimento que o café clonal utilizando todo o trato cultural me proporciona”.

Encerrado o primeiro ciclo produtivo, ou seja, a primeira colheita iniciam-se os gastos relativos aos tratos culturais da lavoura para uma próxima safra, esta sim considerada a primeira colheita com capacidade plena de produção, pois o rendimento por hectare atinge a expectativa desejada.

A figura 3 apresenta os custos com a segunda colheita, sendo composto por: adubos, herbicidas, energia elétrica utilizada na irrigação, mão de obra (poda, desbrota, capina, colheita e beneficiamento dos grãos), depreciação do cafezal, depreciação dos equipamentos de irrigação e do pulverizador e o custo de oportunidade da terra.

ITEM	R\$
Adubo	R\$ 15.149,00
Herbicidas	R\$ 1.651,25
Energia	R\$ 540,00
Mão de Obra (poda, desbrota, capina)	R\$ 3.360,00
Mão de Obra (colheita, beneficiamento)	R\$ 20.600,00
Depreciação Irrigação	R\$ 1.558,20
Depreciação Pulverizador	R\$ 26,00
Depreciação Cultura Café	R\$ 2.652,10
Custo Oportunidade	R\$ 4.083,20
TOTAL	R\$ 49.619,75

Figura 3 – Custos da 2ª Colheita

Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa

É possível identificar que os maiores gastos com a cultura são referentes ao uso de adubos, herbicidas e mão de obra, sendo estes os maiores gastos, representando 41% das despesas totais. Vale lembrar que a mão de obra no trato cultural é predominantemente realizada pela família, caracterizada como agricultura familiar, assim não há desembolso referente a esta mão de obra, no entanto para fins contábeis faz-se necessário a apuração dos gastos com esta mão de obra para que se possam conhecer os resultados reais. Para tanto, foi considerado o preço médio da mão-de-obra na região de Rolim de Moura que é de R\$ 55,00 a diária, conforme informações do produtor.

Carvalho (2004) ressaltam que para efeitos de contabilização do custo referente a mão de obra familiar, visto que os mesmos não recebem salários pelo trabalho realizado na propriedade, deve ser calculado o valor que corresponde a uma diária de um trabalhador que desenvolveria a mesma atividade.

Os custos com a segunda colheita são maiores em relação à primeira principalmente no que se refere a mão de obra, representando um aumento de 74% a mais de despesas, isso porque a segunda colheita proporciona maior produtividade em relação a primeira por estar em plena capacidade produtiva, fato que demanda mão de obra da família e de terceiros para colheita, em razão do volume de produção e o tempo hábil para colheita dos grãos maduros.

Nesta segunda colheita, a produtividade alcançou patamares almejados para o café conilon clonal, seu rendimento totalizou 320 sacas de café, considerando o peso de 60 kg cada saca. O rendimento por hectare, considerando que a área objeto de estudo é de 1.6 hectares, é de 215 sacas por hectare, resultado este que atende a expectativa em termos de produtividade para este café clonal.

No município de São Miguel do Guaporé, o cafeicultor Davi Hebert, morador da linha 102 km 4,5 – Lado Sul, obteve um aumento de produtividade que chegou a alcançar índice de 540% a maior de produtividade em comparação ao café produzido por meio do cultivo tradicional, utilizando de sementes. Em 2012, com o café seminal (mudas por sementes) a produtividade foi de 18 sacas por hectare, já com a implantação da lavoura clonal e com o uso de condução da lavoura com as técnicas adequadas e irrigação, no ano de 2015 a produtividade média passou para 115 sacas por hectare, isso considerando a mesma área para ambos os cultivos, por meio de clone e por meio de sementes (REVISTA CAFÉS DE RONDÔNIA, 2016).

No município de Rolim de Moura RO, o senhor Milton Cesar Timporim Caffer, morador na linha 168, km 9 – Lado sul, também alcançou excelentes resultados. Em 2013, em uma área de 1,6 hectares de café clonal, com plantas altamente produtivas e, dois anos depois, conseguiu uma produtividade média de 156 sacas por hectare, que rendeu uma receita líquida de cerca de R\$ 20 mil (REVISTA CAFÉS DE RONDÔNIA, 2016).

O produtor retrata ainda que em toda sua experiência com o cultivo de café nunca viu um café produzir tanto quanto o clonal, a produtividade mais que dobra em relação ao tradicional que sempre cultivou. Ele lembra ainda que o maior rendimento em sacas por hectare que já conseguiu foi de no máximo 40 sacas por hectare no café tradicional e hoje conseguiu obter sua maior produtividade de 215 sacas por hectares, resultado satisfatório que motiva o produtor a continuar na atividade.

A produtividade de café em Rondônia, segundo dados da CONAB 2015, alcançou sua maior produtividade em sacas por hectare no ano de 2014, sendo de 19,67 sacas por hectare, um rendimento baixo se considerada a produtividade média dos cafés melhorados, que são os chamados cafés clonais, isso porque o levantamento da CONAB 2015 considera em sua pesquisa todos os cafezais de Rondônia, que em sua maioria ainda são os tradicionais com pouco uso de tecnologias, o que afeta diretamente no resultado em produtividade baixo.

No entanto, se comparados os resultados obtidos nesta pesquisa, os resultados obtidos pelos outros dois produtores acima citados com os resultados apontados em pesquisas realizadas pela CONAB, temos aí uma discrepância muito grande em termos de produtividade, porém, o fato é que o café clonal possibilita um incremento em produtividade superior aos tradicionais (CONAB, 2015).

Em termos econômicos, a segunda colheita proporcionou uma receita total de R\$ 112.000,00 que ao confrontar com os custos incorridos no período de R\$ 49.619,75 tem-se um saldo positivo de R\$ 62.380,25, sendo este o lucro da segunda colheita. Assim, o custo total por saca de café é de R\$ 153,65, considerando o gasto total de R\$ 49.619,75 divididos pelo total de sacas colhidas que foi de 320 sacas. Levando em consideração

que o preço de comercialização seja R\$ 350,00 a saca de café e que o custo por saca foi de R\$ 153,65 o produtor obteve um lucro de R\$ 196,35 por saca de café.

Ao comparar os resultados obtidos na presente pesquisa, com o de cafezais de regiões próximas como dos municípios de Nova Brasilândia D'Oeste, Alta Floresta D'Oeste e Cacoal, onde o custo para o café clonal variou entre R\$ 107,02 e R\$ 135,12 a saca, o custo deste produtor na região de Rolim de Moura é mais alto. No entanto, o lucro médio nestes três municípios foi de R\$ 68,02 por saca de café, enquanto o lucro obtido na lavoura pesquisada foi de R\$ 196,35 por saca. Dessa forma verifica-se que os custos de produção do café em outras localidades foram menores que aqueles encontrados na lavoura pesquisada. Por outro lado o lucro por saca também foi menor. Araújo (2014) explica que a utilização de técnicas como irrigação, desbrota, poda e adubação seguindo a recomendação técnica provocam um possível aumento de produtividade, bem como a elevação dos custos de produção. No entanto, mesmo que haja uma elevação nos custos a lucratividade tende a aumentar, pois quando se produz mais, ocorre uma diluição dos custos totais pela produção do período.

Conforme Zuccolotto (2004), a utilização de tecnologias como adubação, poda e irrigação encarecem o investimento e o custeio, no entanto são capazes de definir a produtividade da lavoura reduzindo ainda a necessidade de área plantada.

Resultados como os obtidos por estes produtores demonstram a viabilidade econômica do café conilon clonal no estado de Rondônia, aumentando não somente a produtividade, mas o fortalecimento da agricultura, a qualidade de vida do produtor rural por meio do ganho nos rendimentos e ainda possibilitando a fixação do homem no campo (EMATER, 2017).

O retorno sobre os investimentos (ROI) é um importante índice na avaliação do desempenho de um negócio, visto que este é encontrado por meio da confrontação do Lucro com os investimentos realizados pelos proprietários para iniciar uma determinada atividade. Assim, o resultado do cálculo permite verificar se a atividade está obtendo uma remuneração sobre o capital investido que atenda aos anseios de seus proprietários, demonstrando se o negócio é Rentável ou não (PADOVEZE E BENEDICTO, 2004).

Para avaliação do retorno do investimento, foi necessário aplicar a fórmula de Retorno sobre os Investimentos (ROI) que é calculado de acordo com a seguinte expressão:

$$\text{ROI} = (\text{Lucro operacional} / \text{Investimentos}) \times 100 \quad \dots(2)$$

Desta forma, o resultado encontrado nesta pesquisa foi de 215% a. a., ou seja, 17,91% a.m. indicando que o ganho supera os custos do investimento, proporcionando um retorno excelente para o investidor. Se comparados a outras atividades rurais, como por exemplo, a piscicultura, que conforme Freitas et al (2015) proporcionou uma taxa de retorno de 16% a.m., em pesquisa realizada no município de Urupá estado de Rondônia, levando em consideração que este resultado foi obtido a partir do quinto ano de cultivo.

Na atividade pecuária, conforme dados levantados na pesquisa realizada no município de Auriflama – SP cujo objetivo foi avaliar a viabilidade econômica da produção de bovinos de corte em confinamento, resultou em uma taxa de retorno de 10,91% a.m. superando a taxa mínima de atratividade correspondente a atividade, demonstrando que o retorno é positivo (BARBIERI, CARVALHO, SABBAG, 2016).

Outros investimentos existentes no mercado, que serve como base de referência e comparação da viabilidade econômica é o investimento em poupança, que apesar de ser um investimento cujo retorno é menor se mostra o mais conservador e seguro que existe, e no ano de 2016 chegou a render a seus investidores um percentual de 8,34% (BCB, 2017).

Assim, fica comprovada a superioridade do ganho obtido nesta pesquisa em relação as demais do mesmo ramo ou até mesmo de outras atividades e investimentos.

O payback determina o prazo que o investidor precisa para recuperar todo capital investido. É calculado de acordo com a seguinte fórmula:

$$\text{Payback} = \text{Investimento} / \text{Lucro Líquido} \quad \dots(3)$$

Após realização do cálculo por meio da aplicação da fórmula acima, tendo como base os dados da pesquisa, o resultado encontrado é de 0.46, ou seja, menos de 06 meses para recuperar o investimento. Ressalta-se ainda que este resultado levou em consideração a segunda colheita, pois conforme relata o produtor, é a colheita cuja planta está em plena capacidade produtiva, expressando a real potencialidade produtiva do café. Quanto maior o período de tempo para se recuperar o capital investido, maior o risco do projeto (BARBIERI, CARVALHO, SABBAG, 2016).

Na atividade de piscicultura no estado de Rondônia, conforme afirma Freitas et al (2015), em um trabalho de viabilidade econômica realizado no ano de 2003 pela Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA, o período de retorno de capital investido no cultivo de tambaqui no estado é de 5 anos e 6 meses.

Ainda conforme Freitas et al (2015), em pesquisa realizada no município de Urupá estado de Rondônia, no ano de 2014, a piscicultura apresentou um payback de 4 anos e 11 meses, ou seja, a recuperação do investimento aconteceu a partir desta data.

Na pecuária, por exemplo, Sato et al (2014), o payback encontrado no investimento, levando-se em consideração duas raças de novilhos, o resultado apresentado é de 17 meses e 19 meses para que o investidor tenha seu capital totalmente recuperado.

Observa-se assim, que a atividade de cafeicultura na propriedade objeto de pesquisa é promissora, capaz de proporcionar excelentes retornos sobre o investimento, o que demonstra que a melhoria genética da planta, o emprego de tecnologias como poda, adubação, irrigação, desbrota entre outros, é capaz de levar a um desempenho econômico favorável e atrativo (PONCIANO, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados nesta pesquisa, onde o objetivo foi levantar os custos e despesas e verificar o retorno e o prazo de retorno do investimento da atividade, pode-se afirmar que o mesmo foi devidamente alcançado.

Em relação ao retorno do investimento da atividade, a pesquisa aponta uma taxa de retorno de 17,91% a. m., ficando evidente que esta é uma taxa mais que atrativa e bem motivadora para produtores da região e do Estado de Rondônia, pois conforme já mencionado, demais atividades com pecuária e piscicultura proporcionaram taxas menores do que esta, reforçando a atratividade da cafeicultura. Vale lembrar ainda que conforme o Banco Central do Brasil (2017) rendimentos como poupança, um dos investimentos mais conservadores existentes, proporcionou retorno aos investidores desta modalidade de 8,34% no ano de 2016.

Quanto ao prazo de retorno do investimento, o chamado payback, a pesquisa aponta para um prazo de 6 meses para que o investidor tenha recuperado todo o investimento inicial, levando a confirmar que além da taxa de retorno ser mais que atrativa o prazo para retorno também é excelente, pois em outras atividades, conforme pesquisas publicadas,

Portanto, os resultados encontrados demonstram que a atividade de cafeicultura na técnica clonal possui retorno econômico positivo capaz de gerar uma taxa de retorno de 17,91% em menos de um ano. Isso faz com que demais agricultores das regiões próximas e de todo estado de Rondônia se motivem cada vez mais para a melhoria em produção de café com qualidade, pois é uma atividade que tem condições de se sustentar por si própria, dependendo apenas dos investimentos empregados, uso de tecnologias adequadas, apoio de instituições de pesquisa como EMBRAPA e ainda a forma de gerenciamento empregado no agronegócio.

REFERÊNCIAS

- 1.ABIC - Associação Brasileira da Indústria do Café. A história do café. Disponível em: <<http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=38>>. Acesso em: Agosto, 2016.
- 2._____. Cafeicultura de Rondônia na vanguarda da tecnologia. Disponível em: <<http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=59>>. Acesso em: Novembro, 2016.
- 3.SATO, Suzenir Aguiar da Silva et al (2015). Custos de produção e Análise da viabilidade econômica da terminação de novilhos da raça Aberdeen Angus em relação a Nelore, em pastagem Semi-Intensiva. Disponível em: <<https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/3750>>. Acesso em: Junho, 2017.

4. ARAÚJO, Tiago Garcia. Aspectos Econômicos, Ambientais e Sociais da Produção Cafeeira em Diferentes Sistemas em Rondônia. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/710953/1/351cafeicultura.pdf>>. Acesso em: Junho, 2017.
5. ARAÚJO, Massilon J. Fundamentos de Agronegócios. São Paulo: Atlas 2º ed. 2007.
6. BARBIERI, Rayner Sversut, CARVALHO, Jaqueline Bonfim de, SABBAG, Omar Jorge. Análise de viabilidade econômica de um confinamento de bovinos de corte. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/inter/v17n3/1518-7012-inter-17-03-0357.pdf>. Acesso em: Junho, 2017.
7. BCB - Banco Central do Brasil. Remuneração dos Depósitos de Poupança. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/poupanca/poupanca.asp>>. Acesso em: Junho, 2017.
8. BCB - Banco Central do Brasil. Caderneta de Poupança: Índices Mensais. Disponível em: <https://www.portalbrasil.net/poupanca_mensal.htm>. Acesso em: Junho, 2017.
9. BRASIL – Lei nº 11.326, de 24 de Julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação de Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, 24 de Julho de 2006.
10. CCCV - Centro do Comércio de Café de Vitória. O Café no Brasil e no Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.cccv.org.br/institucional/historia-cafe/>>. Acesso em: Agosto, 2016.
11. CAFEICULTURA, Revista. O Café no Brasil. Disponível em: <<http://revistacafeicultura.com.br/?mat=3640>>. Acesso em: Setembro, 2016.
12. CARVALHO Francisval de Melo, et al. Controle Gerencial e Estudo da Rentabilidade de Sistemas de Produção de Leite na Região de Lavras (Mg). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cagro/v28n4/22.pdf>>. Acesso em: Junho, 2017.
13. CECAFE – Conselho dos Exportadores de Café no Brasil. Disponível em: <<http://www.cecafe.com.br/sustentabilidade/artigos/cafe-brasileiro-historia-de-sucesso-e-inovacao-em-processos-produtivos-sustentaveis-20160610/>>. Acesso em: Novembro, 2016.
14. _____. País exportou mais de 35 milhões de sacas no último ano. Mais de 120 países consomem café brasileiro. Disponível em: <<http://www.cecafe.com.br/publicacoes/noticias/brasil-foi-maior-produtor-e-exportador-de-cafe-do-mundo-no-ultimo-ano-safra-20160722/>> Acesso em: Dezembro, 2016.
15. COELHO, Acília Maria Moreira de Sousa Maia. Os sistemas de custeio e a competitividade da empresa. Dissertação (Mestrado em Contabilidade e Finanças). Instituto Politécnico do Porto, 2011. Disponível em: <<http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/374/1/Os%20Sistemas%20de%20Custeio%20e%20a%20Competitividade%20da%20Empresa.pdf>>. Acesso em: Novembro 2016.
16. CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra brasileira de café. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_09_22_09_06_12_boletim_cafe_-_setembro_2016.pdf>. Acesso em: Setembro, 2016.
17. _____. Acompanhamento da safra brasileira. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/>>. Acesso em: Setembro, 2016.
18. COTRIN, Décio. Desenvolvimento e agricultura familiar. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/E_book_3.pdf>. Acesso em: Junho de 2017.
19. CREPALDI, Silvio Aparecido. Contabilidade Rural: uma abordagem decisória. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
20. DAMODARAN, A. Finanças Corporativas Aplicadas – Manual do Usuário. Porto Alegre, 2002.
21. DELTA, Café. A história do café. Disponível em: <<http://www.delta-cafes.pt/pt/o-cafe/historia>>. Acesso em: Setembro, 2016.
22. EMATER. Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia. Projeto De Cafeicultura. Disponível em: <<http://www.emater.ro.gov.br/ematerro/cafeicultura/>> Acesso em: Novembro, 2016.
23. EMATER – Entidade Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia. Disponível em: <<http://www.emater.ro.gov.br/ematerro/cafeicultura/>>. Acesso em: Junho, 2017.
24. EMBRAPA. História do Café. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/cafe/historia>>. Acesso em: Setembro, 2016.

- 25._____. Investimento em tecnologia impulsiona a produção de café em Rondônia. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/3609412/investimento-em-tecnologia-impulsiona-producao-de-caffe-em-rondonia>>. Acesso em: Junho, 2017.
- 26._____. Revista Cafés de Rondônia: Sabor e Qualidade que vem da Amazônia. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/web/mobile/publicacoes/-/publicacao/1065537/revista-cafes-de-rondonia-sabor-e-qualidade-que-vem-da-amazonia>>. Acesso em: Junho, 2017.
- 27.ESBRASIL- Revista ES Brasil. Café: ouro no campo Espírito Santense. Disponível em: <<https://www.revistaesbrasil.com.br/index.php/materias/189-geral/7467-caffe-ouro-no-campo-espirito-santense>>. Acesso em: Novembro, 2016.
- 28.FERREIRA, Ricardo J. Contabilidade de Custos, 6 ed. Rio de Janeiro: Ferreira, 2010.
- 29.FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 34 ed. São paulo: Cia das Letras, 2007. Disponível em: < <http://docente.ifrn.edu.br/eduardojanser/disciplinas/economia-brasileira-comex/livro-formacao-economica-do-brasil-celso-furtado/view>>. Acesso em: Maio, 2016.
- 30.FREITAS, Clodoaldo Oliveira et al, 2015. Gestão de Custos e Viabilidade da Piscicultura no Município de Urupá em Rondônia, Amazônia – Brasil. Disponível em: <<https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/3937>>. Acesso em: Junho de 2017.
- 31.GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- 32.GITMAN, Lawrence J. Princípios de Administração Financeira. 10ª ed. São Paulo: Addison Wesley, 2004. 776 p.
- 33.IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: Junho, 2017.
- 34.ICO International Coffee Organization, A história do café. Disponível em: <http://www.ico.org/pt/coffee_storyp.asp>. Acesso em: Agosto, 2016.
- 35.KASSAI, J. R.; KASSAI, S.; OLIVEIRA NETO, J. D. Gestão de Custos na Cafeicultura: Uma Experiência na Implantação de Projetos. In: Congresso Brasileiro de Custos, 7/2000, Recife. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.fearp.usp.br/deptos/cont/homenova/Graduacao/docentes/kassai/publickassai.htm>>. Acesso em: Janeiro, 2017.
- 36.LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria Aandrade. Metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- 37.MARCOLAN, Alaerto Luiz, et al. Cultivo dos Cafeeiros Conilon e Robusta para Rondônia. 3. ed. rev. atual. – Porto Velho: Embrapa Rondônia: EMATER-RO, 2009.
- 38.MARICOCHI, Luiz. Como a elasticidade afeta o mercado do café. Disponível em: <<http://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=27861&artigo---como-a-elasticidade-afeta-o-mercado-de-caffe---por-luiz-moricochi.html>>. Acesso em: novembro, 2016.
- 39.MARION, José Carlos. Contabilidade Rural: contabilidade agrícola, contabilidade da pecuária. 13. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- 40.MARION, José Carlos. Contabilidade Rural: contabilidade agrícola, contabilidade da pecuária, imposto de renda pessoa jurídica. 14ª. ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- 41.MARTINS, Ana Luiza. História do café. São Paulo, 2º ed. Contexto, 2012.
- 42.MARTINS, Eliseu. Contabilidade de custos. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- 43.MAPA - Ministério Da Agricultura Pecuária E Abastecimento. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/caffe/saiba-mais>>. Acesso em: Outubro, 2016.
- 44.OIC Organização Internacional de Café. Relatório sobre o mercado de café. Disponível em: <http://consorcioquesquisacafe.com.br/arquivos/consorcio/publicacoes_tecnicas/Relatorio_sobre_o_Mercado_de_cafe_-_Fevereiro_de_2016.pdf>. Acesso em: Novembro, 2016.
- 45.OLIVEIRA, Dayvison de Lima; OLIVEIRA, Gessy Dhein. Contabilidade Rural: uma abordagem do agronegócio dentro da porteira. 3º edição – Revista e Atualizada de acordo com o CPC 29 (IAS 41). Editora Juruá, 2017.
- 46.OLIVEIRA, Neuza Corte de. Contabilidade do agronegócio: teoria e prática. 2. Ed. (ano 2010), 1º reimpressão. Curitiba, editora Juruá, 2011, 194 p.
- 47.OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. História, desenvolvimento e colonização do estado de Rondônia. Porto Velho,

Dinâmica editora e distribuidora, 2003.

48. PADOVEZE, Clóvis Luiz; BENEDICTO, Gideon Carvalho de. *Análise das demonstrações financeiras*, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

49. PAULA, Fabiana Aparecida de. *Análise da eficiência técnica dos estabelecimentos produtores de café em Minas Gerais*. Viçosa MG, 2013. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/handle/123456789/6197>>. Acesso em: Junho, 2017.

50. PONCIANO, N. J. et al. *Análise econômica da produção de café conilon no norte do Espírito Santo em diferentes níveis tecnológicos*. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47., Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: SOBER, 2009. (CDROM).

51. BRASIL, Portal. (2015). *Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/10/onu-reforca-a-importancia-da-agricultura-familiar>. Acesso em: Junho, 2017.

52. PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: Outubro, 2016.

53. RAIZ, Café. *O Café no Brasil*. Disponível em: <<http://www.caferaz.com.br/ocafenobrasil.htm>>. Acesso em: Setembro, 2016.

54. RELATÓRIO INTERNACIONAL DE TENDÊNCIAS DO CAFÉ. *Bureau de Inteligência Competitiva do Café*, v.5, n.8, 29 setembro 2016. 14 p. Disponível em: <<http://www.icafebr.com.br/publicacao2/v.%205%20n.8.pdf>>. Acesso em: Novembro, 2016.

55. REVISTA AGRO RONDÔNIA. *Segundo estimativas, Rondônia terá produção de dois milhões de sacas de café em 2017*. Disponível em: <<http://www.agrorondonia.com.br/noticias/agricultura/segundo-estimativas-rondonia-tera-producao-de-dois-milhoes-de-sacas-de-cafe-em-2017>>. Acesso em: Novembro, 2016.

56. RONDÔNIA AGORA. *Café clonal reacende a esperança dos produtores*. Disponível em: <<http://www.rondoniagora.com/agronegocio/noticia/2016/03/clonal-reacende-esperanca-na-zona-da-mata.html>>. Acesso em: Novembro, 2016.

57. ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JAFFE, Jeffrey. *Administração financeira: corporate finance*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

58. SANTOS, Gilberto José dos; MARION, José Carlos; SEGATTI, Sonia. *Administração de custos na pecuária*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

59. SARTIN, Karla Roberto. *Papel das instituições de apoio à economia solidária junto a agricultura familiar: Caso dos produtores agroecológicos do município de Cacoal-RO*. XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, 15 a 18 de outubro de 2012. Disponível em: http://www.abepro.org.br/sessao_tematica.asp?cod_sessao=352. Acesso em: Junho, 2016.

60. TEIXEIRA, Rubens de França; PACHECO, Maria Eliza Corrêa. *Pesquisa social e a valorização da abordagem qualitativa no curso de administração: a quebra dos paradigmas científicos*. Caderno de pesquisa em administração, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 55-68, jan./mar. 2005. Disponível em: <www.revistas.usp.br/rege/article/view/36510/39231>. Acesso em: Outubro, 2016.

61. TINOCO, Sonia Terezinha Juliatto. *Conceituação de Agricultura Familiar – uma revisão bibliográfica*. Disponível em: <<http://ifibe.edu.br/arq/201508131511581865597786.pdf>>. Acesso em: Novembro, 2016.

62. TOMAZ, M. A.; AMARAL, J. F. T.; JUNIOR, V. C. J.; FONSECA, A. F. A. da.; FERRÃO, R. G.; FERRÃO, M. A. G. *Tecnologias para a sustentabilidade da cafeicultura*. Alegre, ES: CAUFES, 2011.

63. ZUCCOLOTTO, Robson. *Gestão De Custo Aplicada às Culturas de Café Conilon em Propriedades de Base Familiar no Estado do Espírito Santo*. Disponível em: <http://www.fucape.br/_public/producao_cientifica/8/Dissertacao%20Robson%20Zuccolotto.pdf>. Acesso em: Junho, 2017.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Book Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- * International Scientific Journal Consortium
- * OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- EBSCO
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database
- Directory Of Research Journal Indexing

Golden Research Thoughts
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.oldgrt.lbp.world